

Diálogo #3

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

X

André Sier

O tempo, sempre cumulativo, sempre exponencial, é uma adição interminável de conhecimentos, matérias, eventos, livros e manuscritos que se amontoam em depósitos. Pejado de signos, símbolos e significados, o arquivo é um lugar de assombro e, do ponto de vista arcaico, não muito diferente da biblioteca. Ambos são depósitos de um imenso valor cultural e histórico, um território metafísico tão infinito quanto o tempo, um *continuum* sempre expansivo cuja materialidade extravasa a mera objetualidade.

A missão de um arquivo não é apenas arquivar. Como a missão de uma biblioteca não é apenas pedagógica. A divisão em duas entidades distintas obedece a conceitos puramente sistematizados e modernos, até porque ambas acabam por concorrer em tarefas semelhantes, ao zelarem pelo conhecimento que encerram, conservando, protegendo e restaurando quando necessário. Dito isto, há que saber legar o arquivo e ativá-lo.

Tal como os museus, os arquivos (mas também as bibliotecas na sua versão polinuclear ou nacional) são lugares de poder. Tão mais rica é uma nação, quanto mais conhecimento acumular nessa equação diacrónica e sincrónica do tempo; e tão mais capaz é uma nação quanto maior número de conhecimento dispuser aos seus cidadãos. Não é em vão que muitos dos Arquivos Nacionais têm uma génese quase tão antiga quanto as nações respetivas.

Mesmo ultrapassado na linguagem arquitetónica que assume, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo é a exteriorização formal daquilo que realmente é:

uma caixa forte de valores incalculáveis que *tomba* (no português arcaico, *tombar* significa arquivar), desde o século XIV, tudo o que de relevante se tem considerado. De aspeto rígido, intransponível e cerrado, condizente com a arquitetura brutalista que ganha nele uma justificação plena de conceito, este é um edifício cujas paisagens interiores remetem imediatamente para as atmosferas literárias de Umberto Eco ou Jorge Luis Borges, não obstante o desfasamento temporal e espacial. O silêncio do espaço é tão só o reflexo do peso do tempo e a aura de uma instituição antiga que obriga a um respeito autoimposto por quem a visita e nela trabalha.

É justamente nestas paisagens e atmosferas do Arquivo Nacional da Torre do Tombo que a terceira edição do projeto *Diálogos* decorre, desta vez entregue ao artista André Sier, cujo portefólio o coloca no patamar cimeiro da arte digital em Portugal.

Sier propõe uma viragem na ecologia deste edifício monumental para dirimir todo o antropocentrismo que lhe é característico. O que o artista procura aqui investigar é todo um mundo rastejante, insectífero, muitas vezes invisível ao olho humano, e igualmente inserido no território físico, metafísico e imaginário dos arquivos e bibliotecas. Neste contexto, o artista explora a viragem não-humana condizente com a política a ética da *Deep Ecology* e, à semelhança de trabalhos anteriores como *Wolfanddotcom* (2017) ou *Terrants* (2013), debruça-se sobre a espécie animal e os seus conflitos com a espécie humana.

Nas suas palavras, o problema é introduzido



Estragos da formiga branca, 1929
(<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3681532>)



da seguinte forma: “O arquivo humano insere-se na paisagem. Aponta para a eternidade. Protegido através de estruturas, precisa, no entanto, de modos de acesso, que atravessem a paisagem. A paisagem é o terreno de infindáveis variações de vida. Também apontam para a eternidade. Formigas brancas também habitam a paisagem, também constroem os seus arquivos”.

Dito isto, e partindo da fotografia *Estragos da formiga branca* (1929) presente no Portal de Pesquisa do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Sier investiga esta espécie animal também conhecida por *térmita*. Reconhecida pelo ser humano como uma praga infestante, que compromete a salvaguarda de bens, a formiga branca vive e alimenta-se de materiais celulósicos como a madeira ou o papel e forma estruturas labirínticas que se subtraem ao miolo dos livros e documentos. A sua presença nos arquivos e documentos representa, assim, uma ameaça que se procura erradicar mediante purgas.

No entanto, e como referido anteriormente, em *Ant i Purga (Es7#agos da FOrmiga Br4nca)* (2019), o artista sublinha a existência não-humana e “as obras apresentam [esse] ponto de vista de espécies não-humanas em habitats extremamente inóspitos (desenhados para as eliminar), em conjugação com desenhos elaborados a partir de micro-observações eletrónicas da fotografia do tema”.

Nesta perspetiva, existe ainda uma outra camada de entendimento respeitante ao tratamento de dados eletrónicos e da tecnologia digital. De facto, também as paisagens cibernéticas devem ser tomadas em consideração, numa época em que a

tecnologia de informação obriga à digitalização de arquivos, documentos, obras de arte, etc. Assim, e como é seu apanágio, o artista extravasa o mero domínio físico da tangibilidade para de igual modo incluir os limites espaciais e temporais imprecisos do digital. Numa analogia ao que as formigas brancas que escapam às purgas fazem nos documentos, as fotografias são expostas às imperfeições e aos limites do tratamento de dados informáticos que se tornam corrompidos e de improvável recuperação. A realidade da imagem e da informação é distorcida e vira um eco, um arrasto, um *glitch*.

No fundo, o que André Sier concebe é uma documentação atenta da formiga branca e da hostilidade do seu habitat, ciente, contudo, da tensão que a sua presença gera dentro da ecologia antropocêntrica. E por mais curiosas que sejam as imagens, essa tensão de um cruzamento ou sobreposição de territórios (ecótonos) não deixa de estar presente no olhar humano, redobrando o caráter hipnótico das imagens produzidas que sugerem inconscientemente em nós o medo da perda. //

(A Umbigo agradece a André Sier, a Maria dos Remédios Amaral, Anabela Ribeiro, Luís de Vasconcellos e Sá e a toda a equipa envolvida do Arquivo Nacional da Torre do Tombo o compromisso e empenho prestados ao projeto.)

(O artista agradece a Anabela Ribeiro – serviço de digitalização da Torre do Tombo –, Luís de Vasconcellos e Sá – do Gabinete Conservação e Restauro –, Maria dos Remédios Amaral e Carla Cabanas.)

乾隆

二十八年八月

內

署廣州澳門海防軍民府候補縣正堂於三級記功
岐米石照舊集運到澳以活唐夷事據該夷目稟請飭令石岐米石照舊織軍
漢救活唐夷等情到府據此當即飭令香山縣諭令米商仍照舊例源源載運
售賣以濟糴食去後茲據香山縣稟稱遵查米石出洋原經卑職示禁
俾屬內地渡夫船戶未知分曉具
卑職分別示飭渡夫船戶照舊
覆等因據此合行飭知為此牌

該夷目等即便一體遵照毋違
為激切籲懇憲天飭
稟案先據該夷目具稟前來
各在案

右牌仰夷目等

端



